

## ■ Divagações; a potência dos pobres e os desafios do processo criativo

.....Monique Borba Cerqueira

### **O acender do processo criativo**

Apresento, a seguir, flashes do meu processo criativo, inimigo íntimo de modelos e fórmulas.

Esta é uma narrativa de imprecisões – um relato sobre o erro, o inexato, a ambiguidade, elementos que engatinham como capim rasteiro pelo meio fio do pensamento.

Muito se discute sobre a importância do contexto no processo criativo. O contexto pode estar relacionado às circunstâncias, regras, recompensas e responsabilidades implícitas na natureza do trabalho acadêmico. Toda produção guarda uma marca contextual que precipita, determina a criação. Meu contexto criativo não foi algo pontual, foi a minha própria vida com suas janelas luminosas e quartos escuros. A vida me comandou a cada chamado, ora me transportando entre silêncios, ora desprezando e acolhendo perplexidades. E assim a cabeça foi engordando com as ideias e emoções que vinham de onde não se sabe.

O desejo contagioso faz os pensamentos correrem atrás do nosso chamado. Assim, autores da ordem do intempestivo, como Nietzsche, Deleuze, Foucault e tantos outros, revelaram a nobreza de uma linhagem refletida num diálogo saboroso e sem medo. Na maturação desse fazer, texto, autores e personagens se espreguiçavam, dormiam e acordavam na unanimidade de uma errância sem tocaias.

Embora muitos acreditem que disciplina e rotina sejam fundamentos estruturantes da produção intelectual e artística, penso que o processo criativo é impermeável a receituários. No meu caso, fundamental foi estreitar os laços com o meu próprio caos e *inesgotar* o seu fluxo. A rotina e o rigor sempre me fizeram improdutiva, seus golpes reiterados na tentativa de me adequar aos evangelhos da criação constituíram para mim um preço alto demais, que jamais consegui pagar.

Um trabalho visceral é sempre singular, inigualável. Passeia-se por entre descobertas de si. Não há possibilidade de roteiro fechado. É preciso lançar-se ao solo numa descida quase vertical, de diferentes alturas, posições diversas, como as aves e os aviões se inclinam ao plano inferior. Em descida, brusco declive e forte inclinação, tocamos o plano flácido das sensações.

*Sentir tudo de todas as maneiras,  
Viver tudo de todos os lados,  
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo (...)*

*Multipliquei-me, para me sentir  
Para me sentir, precisei sentir tudo,  
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,  
Despi-me, entreguei-me (...)*

*Sentir tudo de todas as maneiras,  
Ter todas as opiniões,  
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto (...)*  
(Fernando Pessoa, “Passagem das Horas”, 1916)

Como o desenhista busca o traço solto, inconsequente e impecável, passei a dialogar com pensamentos descuidados, rápidos e incômodos. Nessa trajetória a precisão nunca existiu como meta, ao contrário, acreditava que um bom trabalho precisava sustentar a imperfeição que escorre de suas linhas.

Não existiam pretensões com a finalidade última desta produção, mas tão somente com a sua qualidade de fazer pensar. Seu conteúdo deveria se autogovernar. Cada página deveria estar apta a voar sem que se soubesse para onde, multiplicando seus efeitos. Assim se desamarravam as expectativas de futuro.

A um dado momento, quando o tempo já escasseava, me acautelei como bicho escondido na brenha. Tomei posse de minhas melhores dúvidas e me protegi na intimidade delas, sem me exceder em outras. Ao sopro desgovernado da dúvida ofereço o meu respeito, à distância.

O encontro com o turbilhão de vida trazido pelos personagens foi o real fazedor de uma outra escrita. Ritmos suaves, fortes, nervosos; a palavra em assombro, alvoroço, flutuação; cada linha atrás de frases indóceis perseguiam a dor, insanidade e destreza dos personagens. Tudo na escrita pedia distinção, projetando uma narrativa, por vezes, incomum, singular.

Mas escrever sobre a potência dos pobres, o que seria isso? Tomara suas façanhas não fosse experiência tormentosa. Mas eram. Os personagens me sacudiam com voracidade. Devagar, aprendia a reter e desprezar o que via. Cada um a seu modo, eles clamavam por mais astúcia. E eu, longe da estatura deles, demorava a contentá-los. Não tinha a malícia de merecer ouvi-los. Ocorreu devagar. Aprendi, aos poucos, e de repente já me fazia de morta em meio ao tiroteio das conversas interiores. Tempos depois começava a desfrutar o acidente feliz de

nos tornarmos um bando — agora, sim, eu e os personagens. Eles me ajudavam a descobrir o que me envolve e fertiliza, falando dentro e fora de mim.

E ali estavam eles, arruinados, divertidos, em fúria de felicidade e contagiante confusão. Os personagens me tomaram pela mão e em seu mal completado processo de existir, enunciavam formas inesperadas de resistência e criação.

### **De como tudo foi se dando**

É muito difícil falar dos pobres. A impressão é de que tudo já foi dito, repetido e, a semelhança de um carrossel, gira no mesmo lugar. Era preciso dar outro tom à investigação sobre o tema, atravessando o tempo repetido da pobreza e dos pobres como representação.

*A desvalorização das forças da vida inventa o pobre – o mal provido, pouco fértil, pouco produtivo, de pouco valor, mal dotado, desfavorecido, desprotegido, digno de compaixão, infeliz. A moral cria códigos de conduta e regras na direção de um campo impositivo, utilitário e finalista, configurando relações de dominação expressas em sentenças inabaláveis que modelam o que se deve pensar, como agir, em que acreditar. Num sentido oposto aos domínios da ética, a moralidade reforça a impotência, regula visibilidades e invisibilidades daqueles que estão em toda parte: os pobres.*

*Quando o pobre não é circunstanciado numa fórmula única, estanque, ele é uma criatura híbrida, o aceitável e o inaceitável, aquilo que todos sabem e não sabem exatamente o que é. Por isso, requer atenção todo modo de identificar, classificar, qualificar o pobre. Códigos moralmente compartilhados recomendam, indicam, estabelecem que o pobre bom, o pobre dócil é aquele que consome pouco, é trabalhador, está inserido em algum arranjo ou dinâmica familiar, pode ser ou não eleitor, pois sua mera figuração existencial produz dividendos políticos. Esse é o pobre que está na literatura, na mídia, nas plataformas políticas, nos programas sociais. É o pobre que não pode falar, mas de quem se fala. É o pobre que recebe elogios, prêmios por seu esforço criativo ou empreendedor, é aquele para quem se planeja intervenções e se imagina resgatar dos limites da doença, do crime, da delinquência; às vezes, incômodo, esse pobre é, sobretudo, útil. Ele se diferencia radicalmente do pobre inaceitável, do vadio, daquele que pode acumular imperfeições morais graves: ser miserável, sujo, famélico, pavoroso em sua tradicional figuração supliciada (CERQUEIRA, 2010, p.22).*

*(...) Pobres e pobreza constituem um tema de difícil abordagem pela exaustão que se explicita na sua concretude como fenômeno do mundo, generalizado e*

*banal, apontando cada vez mais para uma realidade aceita socialmente e supostamente imutável.*

*O predomínio de uma ideia informe e fantasmática de pobreza não dissimula, molda e atormenta apenas os desvalidos. Implantada no coração social, a ameaça representada pela falta soberana gera medo e engendra dispositivos políticos que percorrem toda sociedade capitalista. Muitas são as gradações que essa poderosa máquina de codificação estabelecerá nos grupos e indivíduos.*

*Apontando para vagos e imprecisos contingentes humanos, constela-se uma grande dificuldade: a de reconhecer que os pobres são, antes de tudo, possuidores de desejo, além de serem possuídos pelos desejos alheios. (ibidem, p.23)*

*Logo no início, era preciso realizar um deslocamento, tomar o atalho que incendei. Era decisivo assumir riscos. De repente, uma tese de doutorado tornava-se um ensaio, a poucos meses da defesa. Antes, eu já guerreava em silêncio. Outros motivos amamentavam a minha delinquência, entre eles, o deserto informativo e a problematização cansada, frequentes nos textos acadêmicos. Era necessário pensar um ponto de partida distinto.*

*Uma filosofia que denuncia tudo aquilo que nos separa da afirmação da vida informa o referencial ético-político deste trabalho. É assim que a nossa pergunta de partida interroga sobre os chamados “pobres”, conduzindo à desconstrução de uma insistente figuração constituída por imagens e semânticas negativas. Aqui, evidenciar a pluralidade de signos da pobreza conduz ao exame da esfera moral e seus mecanismos de rigidez e auto conservação, apontando também para o que mais nos interessa, a construção de uma dimensão ético-política afirmadora de diferenças e produtora de novos sujeitos.*

*Pobres e pobreza constituem-se sujeitos e processos a serem interrogados numa direção contrária às investigações cuja regra geral é descrever, informar ou denunciar as faces do seu infortúnio. Importa aqui abordar a potência dos pobres, sua capacidade de produzir vida na própria vida (ibidem, p.20).*

A boa prudência não aguenta tudo o que vê.

Nessa altura, já sabia que o Vagabundo não era um “bêbado trajando luto”, nem Gabriela a mulata sensual, muito menos, Macabéa, a nordestina obtusa. Do início ao fim da escrita, me contorci em artifícios para alcançá-los. Perseguiu a fantástica veracidade deles. Quando os múltiplos sentidos de cada personagem brotaram de dentro das suas liberdades o que chegava para o combate da compreensão era desafio mais sofisticado – o divertimento melancólico do Vagabundo, a

competência amansadora de revolta de Macabéa e as mentiras de amor de Gabriela, que só diziam a verdade.

Foi assim que os “pobres”, travestidos em personagens da ficção, abriram as portas dos seus mundos.

### **Personagens em fragmentos; assimetrias da invenção**

*O vagabundo surge. Vem de onde não se sabe. É um personagem sem origem. Aparece numa pequena multidão, do lado de fora de um circo, andando num beco pobre, trabalhando numa linha de montagem ou dormindo na rua, nos braços de uma estátua.*

*Andarilho do acaso, ele experimenta uma escolha – desfrutar a vida no ócio. Charlot não teme o fracasso social. Não aceita a culpa, o castigo social, não elabora a vida como desastre. Ele não se coloca como vítima da privação, embora mobilize todas as suas forças para escapar dela (CERQUEIRA, 2010, p. 44).*

*A assimetria vai marcar a figuração de Carlitos. Botas e calças de tamanho exagerado, paletó e colete muito justos. A pujança desse corpo que deseja a todo momento exceder os limites de uma delicada constituição física, requer demarcação nas extremidades – sapatos colossais e o inseparável chapéu (ibidem, p. 45).*

*Disposto a viver tudo, experimentar o máximo e escapar de qualquer força que o aprisione, Carlitos exhibe um de seus traços mais vigorosos – ele é o senhor das intensidades (ibidem, p. 47).*

### **Uma vocação de liberdade**

*Gabriela no vento agitado, seu vestido farrapo claro. Nada a carregar nas mãos, nada a reter entre os dedos, apenas olhos límpidos de viver. Na cabeça a trouxa coberta de pó, a satisfação de acompanhar Nacib, deixar o triste mercado de escravos e tornar-se cozinheira. O júbilo da chegada naquela terra estranha vai redesenhar os lábios e expandir no mundo a alegria de Gabriela. Sorriso no rosto feito vento, momento de clara simplicidade (CERQUEIRA, 2010, p. 83).*

*É na solidão das artes culinárias que Gabriela se recolhe à sua paixão: preparar seus feitos, lançar explosões, transformar-se incessantemente a partir dos encontros com o mundo. Sob uma ética que não separa o corpo (pura relação de força) daquilo que ele pode, inicia-se a constelação de uma nova sensibilidade (ibidem, p. 85).*

### Potências do imperceptível

*Macabéa anima-se com a pequena grandeza que emerge da superfície. É cega para o registro do profundo, não possui profundidade alguma. Ela supera a necessidade do espaço íntimo, interiorizado com seus fantasmas e seus “eus”. É assim que sua potência de dissimulação se apresenta, como fuga a qualquer adequação a um “si mesmo”. Livre do compromisso com uma identidade e uma consciência, Macabéa vive o instantâneo num campo de ausência de toda razão civilizatória (CERQUEIRA, 2010, p. 125).*

*Sereno é o abalo radical provocado pelo movimento de superfície. Na contramão das densidades, um absurdo pode maravilhar e tornar perplexo quem se aproxima. É Macabéa em sua contramarcha, seguindo o próprio rastro obscuro, ingênuo e silencioso. Sem medo ou recuo, ela alcança uma preciosa aptidão para o nada (ibidem, p. 129).*

Em pouco tempo, confortável em frouxa perspectiva, ganhei a alegria de me render à banalidade das coisas que nos interrogam a fundo. Assim, permiti que o trabalho me levasse e esvaziasse, provocando sempre novos preenchimentos.

É nítido o tamanho do desejo encoberto por uma produção.

Escrevi e vivi. Iluminei o meu avesso.

Procedi honesta dentro de mim.

■····· **Monique Borba Cerqueira** é pós-doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Pesquisadora do Instituto de Saúde / SP.

### Referências:

CERQUEIRA, Monique Borba. *Pobres, Resistência e Criação*. Personagens no encontro da arte com a vida. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.